

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GRAYCE KELLY DE SOUSA FERNANDES MENDONÇA
MICHELE BELO DA SILVA MESQUITA

A LGBTFOBIA E SEUS IMPACTOS PSÍQUICOS NO BRASIL

RECIFE
2023

GRAYCE KELLY DE SOUSA FERNANDES MENDONÇA
MICHELE BELO DA SILVA MESQUITA

A LGBTFOBIA E SEUS IMPACTOS PSÍQUICOS NO BRASIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em
Psicologia do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão
do curso.

Orientador(a): Prof. Me.em Sociologia Danilo Manoel
Farias da Silva

Orientador(a): Prof. Dra. Flávia de Maria Gomes
Schuler

RECIFE

2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

M539l Mendonça, Grayce Kelly de Sousa Fernandes.
A LGBTFOBIA e seus impactos psíquicos no Brasil/ Grayce Kelly de
Sousa Fernandes Mendonça; Michele Belo da Silva Mesquita. - Recife: O
Autor, 2023.
22 p.

Orientador(a): Me. Danilo Manoel Farias da Silva.

Coorientador(a): Dra. Flávia de Maria Gomes Schuler.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro - UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. Homofobia no Brasil. 2. Psicologia. 3. Saúde mental. I. Mesquita,
Michele Belo da Silva. II. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. III.
Título.

CDU: 159.9

Não é crime ser homossexual, não é pecado e não é doença. É somente o preconceito.” — Luiz Mott

RESUMO

A saúde mental e o bem-estar dos indivíduos da comunidade LGBTQIA+ são significativamente afetados pela discriminação e pelo preconceito conhecidos como LGBTfobia. O presente trabalho teve como objetivo compreender os impactos psíquicos que a LGBTfobia gera na comunidade LGBT brasileira, mais especificamente vamos identificar a comunidade LGBT, investigar a LGBTfobia, suas possíveis causas e discutir sobre os impactos da LGBTfobia no Brasil. A metodologia utilizada foi uma revisão sistemática da literatura, foram realizadas pesquisas em dois bancos de dados: Pepsic e Google Acadêmico, neles encontrou-se 12 artigos os quais se encaixaram nos critérios de inclusão. Os resultados obtidos apontam que, a criação de espaços seguros, a promoção da igualdade, a inclusão e a garantia de direitos são essenciais para mitigar as consequências psicológicas e emocionais negativas causadas pela LGBTfobia, incluindo baixa autoestima, isolamento social, ansiedade e depressão. Ao promover a acessibilidade, igualdade de direitos, podemos limitar estes impactos e garantir a integridade física, e o bem-estar mental de todos.

Palavras-chave: Homofobia no Brasil; Psicologia; Saúde mental

ABSTRACT

The mental health and well-being of individuals in the LGBTQIA+ community are significantly affected by discrimination and prejudice known as LGBTphobia. The present work aimed to understand the psychic impacts that LGBTphobia generates in the Brazilian LGBT community, more specifically we will identify the LGBT community, investigate LGBTphobia, its possible causes and discuss the impacts of LGBTphobia in Brazil. The methodology used was a systematic review of the literature, research was carried out in two databases: Pepsic and Google Scholar, in which 12 articles were found which met the inclusion criteria. The results obtained indicate that the creation of safe spaces, the promotion of equality, inclusion and the guarantee of rights are essential to mitigate the negative psychological and emotional consequences caused by LGBTphobia, including low self-esteem, social isolation, anxiety and depression. By promoting accessibility and equal rights, we can limit these impacts and guarantee the physical integrity and mental well-being of everyone.

Keywords: Homophobia in Brazil; Psychology; Mental health

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. OBJETIVOS	09
2.1 Objetivo geral	09
2.2 Objetivos específicos	09
3. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 A comunidade LGBTQIA+	10
3.2 LGBTfobia e suas causas	12
3.3 A LGBTfobia e seus impactos no Brasil	17
4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO	21
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país polarizado e com isso está embebido das mais variadas diversidades, de raça, de gênero, de credo e etc., mesmo diante de tamanha heterogeneidade o preconceito é bem presente na nossa população, dentre as mais diversas formas de preconceito existente, o público LGBT ainda sofre as consequências da violência gerada pela homofobia, que rebaixa tudo que é considerado não normativo a errado deixando um rastro de agressões que vão além das físicas impulsionando diversos sofrimentos psíquicos e até atos como autonegação, autoflagelo e até mesmo suicídio. Tal prática é considerada como intolerância e preconceito, e em 2019 o STF decidiu que a homofobia é crime imprescritível e inafiançável. Na decisão, o STF entendeu que se aplicava aos casos de homofobia e transfobia a lei n. 7.716/1989 do racismo. (BRASIL, 1989)

Alport (1954) descreve o preconceito como atitudes adversas e hostis em relação a pessoa pertencente a um grupo, pelo simples fato de pertencer àquele grupo presumindo que as mesmas possuem características contestáveis a eles atribuídas. A homofobia é um tipo de preconceito estrutural que se origina nas mais diversas camadas e classes da sociedade resultando em variados traumas e adoecimentos que marcam a existência de uma pessoa LGBT, por uma suposta inadequação da sua própria vida, como se elas tivessem nascido de forma errada. (MANUEL et al 2015)

As discussões sobre as raízes da homofobia e seus impactos são temas muito atuais e podem ser vistos através de dados realizados entre janeiro a setembro de 2021, pôde se observar que entre as 316 mortes violentas do público LGBTI+ ocorridas no Brasil, foram 285 assassinatos, 26 suicídios e 5 mortes por outras causas, segundo o levantamento feito pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a Acontece – Arte e Política LGBTI+ e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT). Dessa forma o presente trabalho torna-se relevante, pois vivemos numa sociedade marcada pela ignorância e falta de empatia principalmente quando falamos em diversidade de gênero o que gera diversos impactos psíquicos para o público LGBT, tais sofrimento perpassa por várias áreas de conhecimento o que

torna fundamental o acesso à informação e a implementação de políticas públicas de qualidade para o fortalecimento dos direitos da comunidade.

Diante dos relatos trazidos, quais os impactos psíquicos que a LGBTfobia traz para a comunidade LGBT no Brasil? Tais impactos podem ser minimizados? É relevante compreender que a negação de direitos e afetos gera violência e são prejudiciais à vida do sujeito, o foco do estudo não é sobre a raiva que a LGBTfobia causa e sim sobre os sentimentos que ela desperta nos indivíduos e suas consequências.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender os impactos psíquicos que a LGBTfobia gera na comunidade LGBT brasileira.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar a comunidade LGBT
- Investigar a LGBTfobia, suas possíveis causas
- Discutir sobre os impactos da LGBTfobia no Brasil.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A comunidade LGBT

Para delimitarmos a comunidade LGBT precisamos primeiramente falar sobre alguma temáticas que cercam o assunto, vamos iniciar falando sobre sexualidade e para isso devemos evidenciar o contexto histórico, se olharmos ao longo da história a sexualidade se apresenta de formas diferentes ao longo dos tempos, na Grécia antiga podia ser vivida livremente, só depois o cristianismo trouxe uma capa de “moralidade” castrando todo o desejo sexual para os fins reprodutivos, um bom exemplo disso é quando pensamos sobre o papel da mulher, mesmo antes dessa época a sexualidade da mulher sempre esteve ligada a reprodução e se via-se como a única condição de existir, sem nem sequer pensar no prazer feminino, pois era apenas atribuída a responsabilidade de gerar e cuidar da prole. (MAROLA;SANCHES;CARDOSO, 2011).

Atualmente devemos considerar a sexualidade humana, não só pelo sexo em si, mas como uma dimensão biológica que é produzida num contexto histórico, social e cultural que o sujeito está inserido entendendo que a identidade do sujeito se constrói também pelas questões morais, éticas e do grupo social que ele pertence, a OMS define que os direitos sexuais seguem a mesma linha dos direitos humanos já reconhecidos por lei, abraçando o direito de ser das pessoas e repudiando qualquer ato de discriminação ou violência. Um marco nessa discussão sobre sexualidade foi a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento (CIPD) que foi realizada no Cairo, Egito, de 5 a 13 de setembro de 1994 e reuniu 179 países, nela foi discutida questões relacionadas a sexualidade superando a perspectiva apenas reprodutiva considerando outros aspectos da reprodução humana que inclui sexo, orientação sexual, papéis de gênero, prazer, intimidade e reprodução (MAROLA;SANCHES;CARDOSO, 2011).

Antes de transcorremos sobre as denominações que a sigla LGBT tem em sua complexidade precisamos adentrar em alguns conceitos importantes que geralmente são pensados de forma conexas, mas que não necessariamente são ligados entre si, são eles: sexo biológico, identidade de gênero, expressão de

gênero e orientação sexual. O sexo biológico é a sua genitália seguindo a combinação dos cromossomos que vai definir se você é macho ou fêmea, há também as pessoas que vão apresentar características de ambos os sexos, a essas damos o nome de intersexos. Já a identidade de gênero é a maneira que você se enxerga, como você se identifica, traduz o entendimento que você tem de si e como se descreve e que não necessariamente está ligada a sua orientação sexual, são exemplos de identidade de gênero homem cisgênero, mulher cisgênero, homem transgênero ou mulher transgênero. A expressão de gênero é como você expressa o seu gênero, como se comporta e envolve aspectos relacionados a vestuário, falas, expressões verbais e corporais, podem ser feminino, masculino ou não-binário que é quando uma pessoa não pertence exclusivamente a um gênero. Por fim a orientação sexual é por quem o sujeito sente atração emocional, afetiva e/ou sexual, existem 3 tipos majoritários de orientação sexual são eles: Heterossexual, quando se sente atração pelo sexo/gênero oposto do seu, homossexual que é quando a pessoa se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero que o seu, e nesse vies temos gay e lésbicas e também temos os bissexuais que é quando as pessoas sentem atração por ambos os sexos/gêneros.(BAHIA, Defensoria Pública do Estado, CARTILHA DA DIVERSIDADE 2018).

Ao pensarmos na sigla LGBTQIA+, por volta do século XX surgiu a primeira denominação que foi a GLS, mas com o passar do tempo tivemos o adicional de novas nuances, logo após surgiram outras variações, como a GLBT e a LGBT, mas atualmente pela expansão do movimento e da comunidade a sigla mais utilizada é a LGBTQIA+ que destrinchando conseguimos incluir inúmeras vivências. O “L” identificam as mulheres lésbicas, que são as que se identificam como mulheres e que sentem atração sexual e/ou efetiva por outras mulheres, o “G” representa os gays, que são os homens que se identificam como homens e que sentem atração sexual e/ou afetiva por homens, o “B” são os bissexuais que são aqueles que se relacionam sexualmente e/ou afetivamente por ambos os sexos, o “T” representa os transsexuais, travestis e transgêneros que são aqueles que não se identificam com o sexo biológico imposto, o “Q” são os queer que são originários da Inglaterra, se refere as pessoas que não se encaixam de alguma forma nos padrões sociais impostos, o “I” representa aquelas pessoas que não intersexos, o “A” são aquelas pessoas que se denominam assexuais não sentem ou sentem pouca atração sexual

pelo gênero e por fim o “+” serve para as demais colocações que podem surgir. (DEUS,2022)

Toda a vivência de uma pessoa da comunidade LGBTQIA+ é cercada por um estigma apenas pela sua orientação sexual e como consequência disso elas acabam escondendo ou omitindo por medo da reação das pessoas, estudos apontam que desde a infância homossexuais já enfrentam violências devido a suas escolhas de relacionamentos e isso deixa marca por toda vida, tais vivências acabam sendo internalizadas e estimulam a produção de idéias negativas a respeito de si e rotulações de inadequação até produzirem comportamentos disfuncionais que dificultam a vida plena e o bem estar social. (DOS SANTOS;DE LIMA 2022)

Falar sobre gênero e sexualidade ainda é um grande tabu na sociedade atual e abre margem para uma série de pensamentos acerca do tema, precisamos desassociar o conceito de gênero a práticas afetivo-sexuais pois, ao contrário do gênero a sexualidade é uma vivência e apenas uma das variáveis que constituem a identidade do sujeito, juntamente com os papéis de gênero e os seus significados sociais. Como uma ferramenta importante na evolução da construção histórica podemos contar com a educação sexual, que tem um papel primordial nesse contexto buscando levantar argumentos sobre a sexualidade a fim de compreendê-la como algo existente e predominante na história, derrubando preconceitos que podem se formar pelas pressões sociais existentes. (GROSSI, 1998)

3.2 LGBTfobia e suas causas

O dicionário brasileiro da língua portuguesa define o preconceito como conceito ou opinião formada antes de ter os conhecimentos necessários sobre um determinado assunto, ou seja, é entendido como um julgamento apenas pautado nas crenças subjetivas e estereótipos do sujeito.

Estudos apontam que o preconceito surge desde a infância e se processa quando as crianças saem do berço familiar e começam a vida escolar, neste momento elas passam a ter contato com vários grupos e partir daí desenvolvem diversos valores independentes dos aprendidos em família, essa relação tem efeitos positivo e negativo, pois, as crianças aprendem por observação e imitação e sendo assim, elas são facilmente influenciadas por um modelo previamente estabelecido,

ou que lhes são imposto, reforçando uma ideia de heteronormatividade como o único modelo possível desde aí, gerando o que pode ser o início do preconceito por assim dizer. O preconceito traz atitudes desfavoráveis em relação a outras pessoas e o comportamento discriminatório surge principalmente quando observamos a relação entre grupos, estereotipar os indivíduos permite uma leitura rápida das características positivas e negativas a partir de uma crença já estabelecida, daí os membros do grupo subjagam os demais instaurando o preconceito e dificultando a aceitação das diferenças. (MANUEL et al 2015)

A LGBTfobia é um tipo de preconceito visto como um fenômeno plural e variado em suas manifestações acarretando inúmeras repercussões na vida de suas vítimas, além de ser um dos principais estressores que acarreta impactos negativos à saúde mental da comunidade LGBT implicando em sofrimento psíquico e comportamentos de risco, tornando essa população mais vulnerável a agravos de saúde mental. (DOS SANTOS;DE LIMA 2022)

Se olharmos para história, na sociedade greco-romana por exemplo, a homossexualidade era praticada de forma comum e até mesmo aceitável, principalmente a masculina, no entanto o homem deveria casar-se para continuar zelando pelos interesses sociais e perpetuar a linhagem familiar, quando adentramos na sociedade judaico-cristã começamos a perceber o peso da moralidade e do preconceito propriamente dito, pois o único comportamento aceito era o heterossexual e monogâmico, a homossexualidade na época era vista como um pecado mortal, assim algumas práticas homofóbicas tem um aparato na religião, pois vemos alguns discursos religioso colocando a homossexualidade como um desvio de conduta ou uma falta de caráter. (DEUS,2022)

As violências geradas a partir da LGBTfobia vão além das agressões físicas e verbais e geralmente tem origem estruturais e sociais, estão baseadas na ideia que o único comportamento considerado aceitável seja o heteronormativo e tudo que foge a esse padrão é rebaixado e considerado como errado. Para muitas pessoas a ideia de se ver como “errada” causa o sentimento de culpa, medo, confusão e insegurança e impulsiona diversos sofrimentos psíquicos. Na sociedade os papéis de gênero são definidos a partir do sexo biológico, na qual home e mulher tem o seu papel pré-estabelecidos e tudo que foge a tal regra é visto de uma forma negativa e

não normativa rotulando tais indivíduos como confusos ou errados a partir dessa perspectiva. (DEUS,2022)

A LGBTfobia é causa de diversos sofrimentos, seja em queixas no dia a dia ou nas interações sociais, e o preconceito possibilita a justificativa de diversas condutas que reforçam padrões heteronormativos tidos como aceitáveis, ocasionando no indivíduo a produção de ideias e rotulações inadequadas e irreais acerca da própria identidade produzindo pensamentos, comportamentos e sentimentos disfuncionais que provocam no sujeito medo, baixa autoestima, insegurança e desconforto. Um dos principais estressores é o medo da não aceitação, o indivíduo pode apresentar dificuldades em revelar e viver a sua sexualidade com medo da rejeição por parte da família e dos amigos e acabam vivendo de forma a esconder esse aspecto da sua vida, evitando possíveis punições, tais comportamentos acarretam no ser humano a não aceitação da sua própria sexualidade e o mesmo passa a vê-la como motivo de vergonha provocando constantes e elevados sentimentos de angústia, crenças de efeito e até mesmo isolamento social. (DOS SANTOS;DE LIMA 2022)

Esse tipo de vergonha e/ou medo de vivenciar a própria sexualidade é conhecida como heterossexualidade compulsória, que é o medo de se posicionar e assumir o que é pelo preconceito da sociedade, reafirmando valores e comportamentos nocivos e impedindo os indivíduos de se reconhecerem como são, pois socialmente, o comportamento aceito é o heteronormativo cisgênero, tais comportamentos está relacionado com o conceito de “normal” que seria a heteronormatividade e o conceito de homem e mulher perante a sociedade, obrigando todos a entrarem em uma espécie de caixinha que determina e pauta a sua existência. Essa opressão provoca e desencadeia uma série de violência, humilhação, ódio, assassinatos e afastam as pessoas dos seus direitos básicos não permitindo, muitas vezes que elas possam viver em paz, com respeito e qualidade de vida. (DEUS,2022)

A violência causada pela LGBTfobia pode se manifestar de diversas formas, como violência psicológica e violência física e ambas resultam em sofrimento, morte e dano psicológico às vezes até irreversível que prejudicam/afetam a saúde e o bem estar dos mesmos, os indivíduos sofrem agressões verbais, físicas, sexuais,

discriminação, bullying, estigmatização social e até mesmo desigualdade de acesso à educação e saúde. (FUZZATO,2022)

No campo da violência física, as agressões ocorrem com o intuito de punição e correção esperando que haja um ajustamento do comportamento tido como desviante, mesmo após a criminalização da LGBTfobia é nítido que ainda não há no Brasil políticas de enfrentamento a tal cenário, pois nosso país figura entre os que mais mata pessoas trans no mundo e em 2020 ficou em primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos, demonstrando assim um total descaso com esse tipo de violência. Sob a ótica da violência psicológica temos a verbal como a principal porta de entrada, ocorrendo por meio de xingamentos e deprecições de forma intencional gerando consequências emocionais acabando com a autoestima e prejudicando a saúde psicológica das vítimas, essas violências de gênero se faz presente até hoje, seja por meio de piadas e/ou comentários depreciativos ou aquelas que deixam marcas físicas e traumas que podem durar por toda sua existência. (FUZZATO,2022)

É de extrema importância que nós possamos pensar sobre a saúde mental e os impactos psíquicos que a LGBTfobia provoca na vida dos indivíduos causando sofrimento e desequilibrando a vida dos mesmos, pois as experiências de preconceitos vivenciados podem acarretar consequências no bem-estar, além de apontar causas de psicopatologias ligadas a tal fenômeno que estimulam a produção de rótulos e ideias inadequadas acerca da própria identidade produzindo comportamentos e sentimentos disfuncionais, tais sentimentos podem predizer a sintomatologia da ansiedade que podendo produzir sintomas de inquietação, angústia, e até sintomas fisiológicos como taquicardia, sudorese entre outros. Além da ansiedade a prevalência de sintomas como sentimentos de desesperança, perda de sentido da vida, pensamentos e comportamentos autodestrutivos, além da frequente exposição a episódios de preconceito podem acarretar aos indivíduos sintomas depressivos e idealizações suicidas de modo que as pressões cotidianas causam esgotamento físico e mental. (DOS SANTOS;DE LIMA 2022)

Todo esse cenário de hostilidade e preconceito pode vir dentro da sua própria casa e do seu contexto familiar, viver em um ambiente de discriminação e sem o apoio das pessoas podem acarretar danos psicológicos irreversíveis, boa parte das vítimas encontram-se em situação de vulnerabilidade social advindos do seu contexto de vida, seja pela rejeição dos seus familiares e de pessoas próximas, que por vezes expulsam os indivíduos de casa, ou pelo rompimento dos vínculos por não aguentarem a dor de serem maltratados e desconsiderados. Tal cenário causa inúmeros danos a saúde mental das pessoas LGBT podendo causar todo tipo de sofrimento psíquico e fazem com que muitos indivíduos lutem contra o que sentem e mais ainda com o que são desenvolvendo sentimento de culpa, medo, vergonha, estigmatizando a vida dos mesmo e disseminando socialmente que eles jamais serão felizes pois não poderão viver uma vida plena, podendo levar a diversos agravos a sua saúde mental. (DEUS,2022)

Apesar de todo o contexto de criminalização e negação de direitos, um grande aliado de enfrentamento a tal problemática é a rede de apoio psicossocial, buscar um apoio que possibilite ajuda nesse processo de reestruturação de pensamentos e sentimentos acerca a sua própria sexualidade pode ser uma alternativa para a redução do caos e dos danos que a LGBTfobia pode internalizar, grupos e locais que funcionem como uma proteção de defesa para a liberdade de expressão pode funcionar como um mediador, oferecendo um suporte emocional e auxiliando no processo de autoaceitação, proporcionando melhorias na qualidade de vida dessa população. (FUZZATO,2022)

É importante ressaltar que um mundo onde o preconceito não exista, não quer dizer um mundo onde somos todos iguais, e sim onde as diferenças sejam respeitadas e para isso devemos desfazer a rigidez das barreiras que nos cercam promovendo harmonia no convívio e dificultando que as discriminações aconteçam. Pensando sobre possibilidades de acolhimento psicológico a tal demanda, é necessário que o psicólogo atue de forma de possibilitar uma compreensão acerca das questões levantadas, sempre buscando fortalecer e potencializar esses indivíduos promovendo uma discussão sobre o tema sexualidade e gênero utilizando algumas das ferramentas que possibilitem tal informação a ser passada, uma das ferramentas é a psicoeducação, que pode ser explorada como recurso que auxilia

no entendimento e tais questões oferecendo empoderamento para essa comunidade se fortalecer e se reconhecer de uma forma integral. (ROSA,2017)

A Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) prevê diretrizes para a atuação do psicólogo acerca do tema sexualidade e em tal diretriz se posiciona contra qualquer terapia de reversão sexual pois a orientação sexual faz parte da subjetividade do sujeito e é compreendida na sua totalidade. Além disso, cabe ao psicólogo uma atuação de forma ética e respeitosa, promovendo o bem-estar dessa população seja por meio do acolhimento em momentos que a prática esteja acontecendo, seja pela criação e elaboração de estratégias de enfrentamento ou até mesmo participando da construção de políticas públicas voltadas à inclusão social.

3.3 A LGBTfobia e seus impactos no Brasil

O Brasil é um país com grande diversidade, diversas crenças culturais e religiosas, crenças essas que muitas vezes reforçam estereótipos de preconceito e violência contra a população LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual), ao longo do texto serão apresentados, reunidos e sintetizados, dados sobre os impactos desse preconceito estrutural da sociedade e que vem causando sofrimentos psíquicos e físicos nesse público.

No seu início o movimento era resumido pela sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), porém essa sigla não contempla todas as expressões de gênero e sexualidade que fogem da heteronormatividade cisgênero, pois a comunidade foi crescendo e novas expressões foram discutidas e colocadas em pauta. (Deus,2022)

Até meados de 1952, a Associação Americana de Psiquiatria (APA), publicou no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que a homossexualidade era considerada um distúrbio mental. Após diversos cientistas procurarem comprovações efetivas sobre essa questão, foi comprovado que a homossexualidade não está ligada a um distúrbio mental, fazendo com que a APA realizasse novas pesquisas e retirasse a homossexualidade da lista de transtornos mentais em 1973. Apesar da Organização Mundial de Saúde (OMS) incluir a homossexualidade na classificação internacional de doenças (CID) como doença

mental no ano de 1977 retirando-a somente em 1990, no Brasil o Conselho Federal de Psicologia já desconsiderava a homossexualidade como doença em 1985. (TAGLIAMENTO et al, 2021)

O movimento LGBTQIAP+ começou no Brasil por volta de 1970 em meio à ditadura militar. Havia dois jornais da época que publicavam temas sobre essa comunidade: o *Lampião da Esquina*, fundado em 1978, abordava questões políticas, questões relacionadas a homossexualidade e denunciava violências sofridas por essas pessoas. Em 1981, foi fundado por um grupo de mulheres lésbicas e bissexuais, o *Chanacomchana*, que era comercializado em um bar frequentado por essas mulheres. Porém os donos do local não aprovaram a venda e elas foram expulsas de lá em 1983. No dia 19 de agosto do mesmo ano, essas mulheres e ativistas fizeram um ato político de resistência que resultou no fim da proibição da venda desse jornal. Por conta desse acontecimento, conhecido como “Stonewall brasileiro”, o dia 19 de agosto se consolidou como o Dia do Orgulho Lésbico. (DEUS,2022)

Com a eclosão da epidemia de AIDS, na década de 1980, os homens homossexuais foram os primeiros a serem afetados, posteriormente foram bissexuais, travestis e transexuais. Com isso, o movimento teve uma nova questão para lutar: um estigma de que eram vetores da doença e, o foco passou a ser a nova crise de saúde pública e a batalha contra esse estereótipo. O Grupo Gay da Bahia, fundado em Salvador, em 1980, e o Triângulo Rosa, fundado em 1985 no Rio, tomaram a frente no movimento. Desse modo, verbas estatais e de cooperação internacional para combate a AIDS passaram a financiar os grupos de pessoas homoafetivas, para ajudar no problema (FÁBIO, 2017 apud DEUS,2022,p.5)

Na década de 1980 o termo “homossexualismo” ainda era rotulado e comumente usado, sendo que o sufixo “ismo” remete a doenças e assim, era considerado “desvio de transtorno sexual”, no Código de Saúde do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social. Em 1985 houve uma decisão favorável do Conselho Federal de Medicina para despatologização da homossexualidade após uma campanha do Grupo Gay da Bahia junto aos psicólogos, psiquiatras e sociedade. (DEUS, 2022)

Em 2004 a Secretaria Especial de Direitos Humanos, lançou o programa Brasil sem Homofobia – Programa de Combate a Discriminação contra a população

LGBT, afim de promover a cidadania, os direitos e a igualdade, erradicar a discriminação contra a diversidade sexual e combater a violência. (FUZATTO, 2022)

A portaria N° 675/2006 da Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde garante “Todo cidadão tem direito a um tratamento humanizado e sem nenhuma discriminação”, mesmo assim há um esforço muito grande do ativismo da população LGBT para garantir esse direito. (BRASIL, 2006 apud RESENDE, 2016).

A formulação da Política Nacional de Saúde fez-se necessária para que fosse colocado em prática o acesso desse público aos serviços de saúde, assegurando um atendimento qualificado e eficiente, tornando inclusiva e promovendo a integralidade ao acesso do SUS. Esses movimentos sociais são de fundamental importância para tornar a sociedade civil cada vez mais participantes. Assembleia e reuniões para discutir o fim das violências contra a população LGBT. (RESENDE, 2016)

A luta contra o preconceito e homofobia da população LGBT muitas vezes começa na vida privada, relações familiares. A não aceitação por parte dessas pessoas mais próximas levam esse público a uma saída ou expulsão de casa, algumas vezes de forma despreparada e até mesmo violenta. (BRASIL, 2010, apud, RESENDE, 2016).

A busca por direitos igualitários e combate a homofobia, culminou em diversos movimento sociais, que visava embates políticos, que apesar de toda visibilidade o público LGBTQIAP+ ainda sofre bastante com o preconceito em diversos âmbitos da sociedade, como afirmam Mello, Irineu, Froemming e Ribeiro ((2013), apud, ROCHA, 2022)

Deve ser destacado, porém, que entre a formulação e a implementação de políticas públicas para a população LGBTQIAP+, o caminho geralmente é longo, tortuoso e cheio de percalços, antes de tudo em face das fortes resistências morais, prevalecentes no interior de muitos órgãos governamentais, no que diz respeito à garantia da cidadania das pessoas que não correspondem aos estereótipos sexuais e de gênero [...] (MELLO; IRINEU; FROEMMING; RIBEIRO, 2013, p. 137, apud, ROCHA, 2022, p 12)

Em 1990, foi onde deu início a inclusão de forma ativa do público LGBTQIAP+ no meio político, onde os partidos do PT e do PSTU abriram espaço para que ativistas pudessem trazer pautas que visava direitos a essa população, onde muitas

dessas pautas eram ignoradas por alguns setores, apenas em 1996, a candidata a vereadora, Kátia Tapety foi eleita na cidade de Colônia do Piauí (PI), a única abertamente LGBTQIAP+. (SANTOS, 2016, apud, ROCHA,2022).

Em 2004, surgiu o programa “Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual”, no segundo ano do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pelo Ministério da Saúde e Conselho Nacional de Combate à Discriminação, sendo um programa interministerial, vindo a tornar-se um orgulho em conferências internacionais. (IRINEU, 2021, apud ROCHA,2022)

O preconceito a falta de apoio e a discriminação que passam o público LGBT causa muitos impactos na saúde mental, trazendo graves traumas e estresse pós-traumático, além de violência física e psíquica, levando a elevados níveis de depressão, isolamento e até mesmo suicídio, onde o indivíduo não se sente pertencente aquele meio social. (MEYER, 2003 apud TAGLIAMENTO; SILVA, HASSON; SANTOS; SILVA; MARQUES, 2021 apud DEUS,2022).

Diante de todo cenário de hostilidades vivenciadas pela comunidade LGBT, seja violência física ou psicológica, é perceptível um grande aumento de ansiedade e depressão, por não se encaixam nesse padrão cisheteronormativo considerado o normal socialmente. Dessa forma, pode haver comportamentos como distúrbios do sono, dificuldades em relacionamentos interpessoais, sentimento de rejeição, uso e substâncias psicoativas, o que pode levar ao sofrimento psicossocial muito grande e suicídio (HEREK,1991 apud TAGLIAMENTO; SILVA, HASSON; SANTOS; SILVA; MARQUES, 2021 apud DEUS,2022,p 16).

A LGBTfobia é um fenômeno cultural que traz muito impactos psíquicos e físicos para quem os sofre, esse tipo de discriminação e ódio resultou em 343 mortes no Brasil no ano de 2016, dados expostos no relatório de assassinatos do Grupo Gay da Bahia (2016), esse mesmo relatório vem mostrando uma crescente nesses números nos últimos anos (130 em 2000, 260 em 2010), mas ainda devemos levar em conta que esses são dados contabilizados, mas que existem diversos casos que não são noticiados. (ROSA, 2017)

O público LGBT tem mostrado maior risco de tentativas de suicídio, em comparação ao público em geral, assim como números mais elevados de depressão.

Estudo realizado nos Estados Unidos identificou que 8% dos homens e 13% das mulheres heterossexuais tinham ideação suicida, enquanto entre homens e mulheres da população LGBT essa taxa foi de 36% e 42% respectivamente(4). Ademais, estima-se que 20% da população LGBT adulta já tentou suicídio ao longo da vida. (DE OLIVEIRA, VEDANA, 2020,p 3)

Diante destes dados extremamente alarmantes, se faz ainda mais necessário assegurar os direitos dessa população, a luta dos movimentos sociais e os Direitos Humanos para a garantia da segurança e direitos do público LGBT.

4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura, sobre os impactos psicológicos da homofobia no Brasil. Onde por meio dele buscamos analisar dados que nos revelassem o processo de luta contra a homofobia ao longo do tempo, e como esse processo foi e é importante na construção da psique desse público. Para a realização da pesquisa, foi feito um levantamento de publicações disponíveis sobre a homofobia no Brasil, principais causas de doenças psíquicas nesse público, políticas públicas e direitos à igualdade, lutas e movimento, integrando artigos, livros e revistas. O referencial teórico foi escolhido a partir das demandas do objetivo geral e dos objetivos específicos, de acordo com o material literário disponível nas plataformas como Google acadêmico e Pepsic.

As buscas por artigos foram realizadas através de descritores específicos, tendo como palavras chaves para a pesquisa de material: homofobia no Brasil, sofrimento homofóbico, preconceito LGBTQIA+ e psicologia. Ao pesquisar as palavras chave obtivemos o resultado de pouco mais de 1.047 artigos, porém, foram selecionados 137 artigos para análise dos resumos e após isso 12 para leitura na íntegra, os critérios de inclusão foram: artigos e livros disponíveis em português, textos que analisassem dados reais sobre a homofobia no Brasil, relatos de movimentos históricos importantes, efeitos e causas da homofobia, a busca por igualdade de direitos e documentos objetivos, para os critérios de exclusão utilizamos como parâmetros: pesquisa fora da temática, artigos e/ou em outro idioma e artigos não pertencentes à área de atuação estudada (psicologia).



Figura 1 – Etapas de seleção dos artigos

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa da pesquisa encontramos um grande número de artigos sobre homofobia, porém muitos deles não eram voltados ao objeto principal deste estudo que são os impactos psíquicos da homofobia, após uma leitura mais aprofundada encontramos 12 artigos que foram escritos pela área de psicologia e que atendiam aos critérios estabelecidos, observamos que a maior parte dos artigos foram publicados pela área da psicologia, mas, encontramos também artigos escritos pela área do direito e as demais áreas multidisciplinares.

Tabela 1: Análise dos artigos da amostra final

Autor/ano	Título	Objetivo	Principais resultados
Luciana Ferrari Gouvêa - Ano: 2020	A inserção da Política Nacional de Saúde Integral LGBT pela luta à garantia de direitos	Identificar os direcionamentos éticos e políticos implicados na incorporação e implantação da PNSI-LGBT em ações dos serviços de Saúde do Setor Primário.	Construção de estudos e vivências a respeito da saúde dos LGBTQIA+ para o entendimento e conhecimento dos serviços de saúde oferecidos à esta população, bem como para propiciar maiores vínculos de acesso nestes serviços, legitimando a busca por direitos e cuidados em saúde integral para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, e enfrentando preconceitos e estigmas marcados em relação a essa população.
Lucas Camapum Rosa - Ano: 2017	A LGBTfobia como Fenômeno Cultural e seus Impactos Psíquicos	Compreender a LGBTfobia e como ela pode adoecer psicologicamente as vítimas de discriminação	A análise das entrevistas indicou sofrimentos ligados ao fechamento para o contato, seja com o mundo exterior ou com o mundo privado. Associado a isso, está a compreensão dos/as entrevistados/as da LGBTfobia como um fenômeno amplo e rigidamente restritivo às liberdades individuais.
Daniela Fiorin Falco Pereira Manuel; Marcus Vinícius Silva; Roselle Fernandes Torres de Oliveira - Ano: 2015	A origem do preconceito	Explorar as definições de preconceito através dos estudos de dois psicólogos: Gordon Allport e Albert Bandura	Traçando um paralelo entre as teorias dos dois psicólogos e de acordo com estudos recentes no desenvolvimento infantil discorre-se a respeito do preconceito, tendo em vista que seu início ocorre na terceira infância.
Luiz Gustavo Silva Rocha - Ano: 2022	Brasil Sem Homofobia: Análise Do Ativismo Institucional, Movimento Lgbtqiap+ E Oportunidades Políticas Entre 2004 E 2014.	Destacar como fatores políticos influenciaram na implantação, execução e declínio do Brasil Sem Homofobia	Mesmo com outros programas de igual importância e muitas outras políticas públicas de saúde que trouxeram benefícios à comunidade, o BSH se destaca por ser o primeiro a buscar conscientizar a sociedade acerca do grupo e tentar criar uma sociedade que o aceite sem preconceitos.
Ana Julia Costa Fuzatto - Ano: 2022	Homofobia e violência à juventude LGBTQIA+: consequências e modos de enfrentamento	Identificar quais são os tipos de violência que a população jovem LGBTQIA+ sofre no contexto brasileiro e as consequências para	Os resultados obtidos mostraram um índice elevado de ocorrências de violências de todos os tipos contra a

		saúde mental, bem como as contribuições da psicologia para os mecanismos de enfrentamento diante dessas vivências.	população LGBTQIA+ apontam que esses jovens estão desamparados frente à homofobia, gerando consequências para sua saúde mental e emocional.
Livia Da Silva Resende - Ano: 2016	Homofobia E Violência Contra População Lgbt No Brasil: Uma Revisão Narrativa	Conhecer quais são os tipos mais presentes de violência que a população LGBT sofre no Brasil, com base em uma revisão narrativa.	Encontramos quatro principais temáticas nos textos que compõem essa revisão, são elas, homofobia intrafamiliar, a presença da homofobia e violência contra LGBT nas escolas, a violência relacionada às travestis e a homofobia na ideia da vítima e do agressor.
Matheus Elias dos Santos, Fábio Costa de Lima - Ano: 2022	Impactos do preconceito homofóbico na saúde mental das pessoas LGBTQI+: breves apontamentos	Compreender quais são as repercussões do preconceito homofóbico na saúde mental das pessoas LGBTQI+.	Os resultados evidenciam que o preconceito homofóbico torna as vítimas vulneráveis ao estresse e acarreta prejuízos no seu bem-estar físico e mental e ter o apoio social e da família é tido como fator de proteção contra o sofrimento psíquico vivenciado
Grazielle Tagliamento; Saymon Souza Correa da Silva; Denise Barcelos da Silva; Giovanna de Souza Marques; Rebeca Hasson; Gabrielli Eduarda dos Santos - Ano: 2021	Minha dor vem de você Uma análise das consequências da LGTBfobia na saúde mental de pessoas LGBTs	Compreender as consequências da LGTBfobia na saúde mental das pessoas LGBTs, assim como descrever as principais formas de discriminação sofridas.	A pesquisa concluiu que a grande maioria das pessoas vítimas de LGTBfobia está sujeita à ocorrência de efeitos prejudiciais à saúde mental e averiguou que as redes de apoio possuem um papel importante no sentido de fornecer suporte emocional. Constatou-se, também, que famílias protetivas e acolhedoras contribuem significativamente para o enfrentamento da LGTBfobia cotidiana e são capazes de reduzir a ocorrência de sofrimento psíquico e mental.
Anna Clara Freire Elias De Deus - Ano: 2022	Saúde Mental Das Pessoas Lgbtqia+	Investigar, através da revisão da literatura, o impacto da violência física e psicológica geradas pela homofobia à comunidade LGBTQIA+.	A comunidade LGBTQIA+ sofre com inúmeros tipos de violência, que afetam tanto fisicamente, quanto psicologicamente suas vidas. A rejeição social, familiar e religiosa traz consigo muitas adversidades e lutas que são feitas desde a Revolta de Stonewal. Essa população vem sofrendo desde sempre com humilhações, falta de reconhecimento e desconsideração de sua identidade de gênero ou orientação sexual, pois a sociedade ainda se prende em conceitos tradicionais de exclusão e heteronormatividade.
Elias Teixeira de Oliveira Kelly Graziani Giaccherio Vedana - Ano: 2022	Suicídio e depressão na população LGBT: postagens publicadas em blogs pessoais*	Analisar postagens sobre suicídio, depressão e população LGBT em blogs da plataforma Tumblr®.	Esses temas revelam importantes necessidades a serem investigadas e abordadas em intervenções para a promoção da saúde mental da comunidade LGBT no âmbito individual e coletivo.
Miriam Pillar Grossi - Ano: 1998	Identidade de gênero e sexualidade	Definir a problemática da identidade de gênero a partir de várias instâncias: a aquisição da identidade de gênero primária, o aprendizado	Desconstruir o senso comum ocidental que considera que a identidade de gênero é marcada pela opção sexual,

		dos papéis sexuais, o vasto campo da sexualidade e as novas questões referentes à reprodução humana.	inclusive com o intuito de mostrar como as práticas homoeróticas não produzem um terceiro gênero (nem masculino, nem feminino), tampouco “distúrbios da identidade de gênero”.
Caroline Andreia Garrido Marola, Carolina Silva Munhoz Sanches, Lucila Moraes Cardoso - Ano: 2011	Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências	Verificar como adolescentes lidam com a formação de conceitos sobre sexualidade, comparar o grau de informação entre grupos de adolescentes de educação formal, não formal e informal e conhecer algumas influências na formação desses conceitos	Observou-se que mais da metade dos jovens não demonstraram adequado conhecimento sobre o tema, havendo diferença significativa de informação entre os grupos. Embora a maioria dos adolescentes afirme ter contato com o tema na escola e na família, eles reconhecem os amigos como a principal fonte de influência. Esses resultados evidenciam a necessidade de melhorar os espaços destinados à formação.

A amostra de cada estudo variou entre explorar a problemática de gênero, identificar a LGBTfobia e seus tipos, compreender os impactos que esse fenômeno causa no indivíduo e conhecer quais as principais políticas públicas de enfrentamento a tal problemática no Brasil.

GROSSLI (1998), traz em seus estudos a desmistificação sobre gênero e sexualidade o intuito de demonstrar as diferenças significativas sobre os temas e a importância de desassociar sexo, sexualidade e gênero, tentando mostrar a diferença da prática efetiva da conjectura de gênero, buscando desconstruir ideias trazidas pelo senso comum. Já MAROLA et al (2011), busca inicialmente contextualizar a história, de como a questão da sexualidade era vista antes do surgimento do Cristianismo, onde se podia viver livremente. Após esse período as pessoas eram vistas como reprodutores, e a relação com pessoas do mesmo sexo passou a ser algo fora da normalidade, um pouco mais a frente, se inicia os movimentos e cartilhas voltadas para a diversidade de gênero, DEUS (2022), contribui com o surgimento das siglas, e suas evoluções ao longo do tempo, buscando identificar cada letra que está relacionado a um grupo de pessoas que assim se identificarem com ela. MANUEL et al (2015), traz em suas pesquisas e de outros colegas, a contextualização do que é preconceito e do processo estrutural que são ensinados pela sociedade normativa ainda na primeira infância. DOS SANTOS e DE LIMA (2022) traz esse tipo de preconceito como algo extremamente estressor e que afeta diretamente a saúde mental dessas pessoas, o que pode vir a

acarretar uma não aceitação de si mesmo, e medo da rejeição, com isso essas pessoas acabam vivendo suas vidas angustiados, vivem em sofrimento e se isolam do convívio social, TAGLIAMENTO et al (2021) contribui dizendo que o impacto causado pode levar a níveis elevados de depressão, e até suicídio.

DEUS (2022), em suas pesquisas fala ainda de outros tipos de violência que não são só física e verbais, mas também psíquicas, quando tudo que é visto fora da heteronormatividade é considerado um erro, o que causa nessas pessoas sofrimento psíquico, medo, culpa, dentre outros, FUZZATO (2022) acrescenta em seus estudos que esses indivíduos também passam por agressões sexuais e discriminação, o que pode causar danos psicológicos irreversíveis a quem as sofreu, ele também nos traz dados sobre como o enfrentamento ainda é precário no Brasil, pois somos um dos países que mais matam pessoas trans no mundo, tais dados tem crescido de forma alarmante nos últimos anos, ele também contribui dizendo que a violência verbal é a porta de entrada pra potencializar o sofrimento psíquico dessas pessoas.

DEUS (2022), traz no seu projeto os principais movimentos que vieram tentar revolucionar e colocar em pauta as discussões sobre direitos da população LGBTQIAP+, com isso trouxe importantes impactos da LGBTfobia no Brasil. Nesse contexto RESENDE (2016) relata a importância das políticas públicas que funcionem e que assegurem direitos e respeito a esse comunidade, e GOUVEA (2020) acrescenta que há falta de dados oficiais que demonstre tais preconceitos, pois, muitas vezes crimes relacionados a comunidades LGBTQIA+ não são sequer registrados nos postos policiais. Quando mencionamos as políticas publicas ROCHA (2022) destaca o programa “Brasil sem homofobia” como uma importante ação de políticas públicas, na luta contra a LGBTfobia, porém ROSA (2017), traz dados que retratam que o ódio e a discriminação no nosso país continua em crescimento, DE OLIVEIRA e VEDANA (2020), retratam dados de suicídio e tentativas de suicídios relacionado ao público LGBTQIAP+, numa tentativa de acabar com o sofrimento psíquico e discriminatório sofrido por eles.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a construção desse trabalho e análise dos resultados, pudemos observar que mesmo com leis e criminalização as violências proferidas contra a comunidade LGBT, ainda é muito grande e essa exposição contínua à discriminação e ao medo de violência pode levar a problemas de saúde mental, como depressão, ansiedade e tendências suicidas

A LGBTfobia é um preconceito estrutural que tem consequências reais e tangíveis na vida das pessoas que sofrem esse tipo de violência, enfrentar este problema requer uma abordagem multifacetada que envolve mudanças legais, culturais e sociais. No Brasil, segundo os dados mais recentes do Observatório de Mortes e Violências LGBTI+ tivemos mais de 273 mortes e a segunda maior causa de mortes nesse público é o suicídio, evidenciando mais uma vez que a LGBTfobia é um desafio sério que tem impactos profundos, tanto para os indivíduos quanto para a sociedade em geral.

A conscientização e a educação desempenham papéis fundamentais para construir uma sociedade mais inclusiva e aceitável para todos, nesse aspecto a psicologia torna-se fundamental para o acolhimento e fortalecimento psicológico das pessoas que sofrem esse tipo de violência, pois, várias sequelas podem surgir advindas das agressões sofridas pela LGBTfobia causando danos à saúde mental dessas pessoas. A psicoeducação é uma das ferramentas que podem ser utilizadas nos mais variados campos e espaços permitindo ações de inclusão, desconstruindo e quebrando tabus sociais com o objetivo de amenizar os danos sofridos e oferecer um empoderamento para essa comunidade.

Em 2023 o Conselho Federal de Psicologia (CFP) lançou uma cartilha com as Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas, Psicólogos e Psicólogues em Políticas Públicas para População LGBTQIA+ com o objetivo de oferecer um direcionamento para o atendimento psicológico desse público, sempre se pautando na ética e com uma perspectiva de acolhimento ao sofrimento promovendo reflexões e intervenções que possam contribuir significativamente na vida das pessoas da comunidade LGBTQIA+, sendo assim a atuação do profissional de psicologia torna-se extremamente importante nessa temática, tendo um olhar não apenas de acolhimento, mas também de diálogo e construção conjunta com a sociedade buscando minimizar o preconceitos e discriminação.

5.9 Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1989**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm . Acesso em 05 de jun. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução no 001, 22 de março de 1999**. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 05 maio. 2023.

DE OLIVEIRA, Elias Teixeira; VEDANA, Kelly Graziani Giaccherro. **Suicídio e depressão na população LGBT: postagens publicadas em blogs pessoais**. 2020

DEUS, Anna Clara. **Saúde mental das pessoas LGBTQIA+**. 2022.

DOS SANTOS, Matheus Elias; DE LIMA, Fábio Costa. **Impactos do preconceito homofóbico na saúde mental das pessoas LGBTQI+: breves apontamentos**. Revista Mosaico, v. 13, n. 3, p. 94-102, 2022.

Defensoria Pública do Estado da Bahia. - **Entendendo a diversidade sexual** 1a. ed. - Salvador: ESDEP, 2018. 24p .:il.. [Entendendo a diversidade sexual](#) Acesso em 01/05/2023.

FUZZATO, Ana Júlia Costa. **Homofobia e violência à juventude LGBTQUIA+: consequências e modos de enfrentamento**. 2022.

GOUVÊA, Luciana Ferrari. **A inserção da Política Nacional de Saúde Integral LGBT pela luta à garantia de direitos**. 2020

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Revista antropologia em primeira mão**, 1998.

MANUEL, Daniela Falco Pereira; SILVA, Marcus Vinícius; DE OLIVEIRA, Roselle Fernandes Torres. **A origem do preconceito**. Revista Científic@ Universitas, v. 3, n. 2, 2015.

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da educação**, n. 33, 2011.

RESENDE, Livia da Silva. **Homofobia e Violência contra população LGBT no Brasil: Uma revisão narrativa**. 2016

ROCHA, Luiz Gustavo Silva. **Brasil sem homofobia: Análise do ativismo institucional, movimento LGBTQIAP+ e oportunidades políticas entre 2004 e 2014**. 2022

ROSA, Lucas Camapum. **A LGBTfobia como fenômeno cultural e seus impactos psíquicos**. Monografia (Graduação em Psicologia), Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

TAGLIAMENTO, G., Silva, S. S. C. da, Silva, D. B. da, Marques, G. de S., Hasson, R., & Santos, G. E. dos. (2021). **Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs**. Cadernos De Gênero E Diversidade, 6(3), 77–112. <https://doi.org/10.9771/cgd.v6i3.34558>
Acesso em: 05 maio. 2023.